

A cobertura esportiva da Folha de São Paulo acerca da participação da seleção brasileira de futebol feminino na copa do mundo em 2015

Bruno José Gabriel¹
Miguel Archanjo de Freitas Júnior²

RESUMO

O objetivo deste artigo foi verificar e analisar a cobertura do caderno esportivo da Folha de São Paulo acerca da participação da seleção brasileira de futebol feminino na Copa do Mundo, sediada pelo Canadá, em 2015. Para tanto, optou-se pela utilização dos instrumentos metodológicos da Análise de Conteúdo, pois direcionam os pesquisadores na verificação analítica dos diversos tipos de discursos, dentre estes o jornalístico. Diante do tratamento dos resultados, concluiu-se que a cobertura do jornal foi caracterizada pela construção de realidades ausentes de disposições preconceituosas. Ao contrário, as suas abordagens preponderaram nas interfaces performativas da coletividade e da individualidade brasileiras.

Palavras-chave: Futebol feminino. Jornalismo. Folha de São Paulo. Gênero

-
- 1 Mestre em Ciências Sociais Aplicadas. Dourando em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa/Paraná, Brasil. E-mail: brunogabriel_uepg@hotmail.com
 - 2 Doutor em História. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa/Paraná, Brasil. E-mail: mfreitasjr@uepg.br



Este texto está publicado sob uma licença Creative Commons
Atribuição NãoComercial-Compartilha Igual – CC BY NC AS
Mais detalhes em: <https://br.creativecommons.org/licencas/>

Coverage produced by the Sport section of Folha de São Paulo about participation of the Brazilian women's national soccer team in the world cup in 2015

ABSTRACT

The aim of this paper was to verify and analyze the coverage produced by the sports section of Folha de S.Paulo newspaper about participation of the Brazilian women's national soccer team in the World Cup in 2015. To that end, was opted for the use of methodological instruments of the Content analysis, because they direct the researchers in the verification and in the analysis of the several types of discourses, among those, the ones found in newspapers. Through the treatment of the results, it was concluded that the newspaper coverage was characterized by the construction of absent realities of prejudices. On the contrary, in their approaches prevailed the performative interfaces of collectivity and individuality of Brazilian.

Keywords: Women's soccer. Journalism. Folha de São Paulo. Gender

La cobertura producida por el cuaderno deportivo del periódico Folha de São Paulo sobre la participación de la selección brasileña de fútbol femenino en la copa del mundo en el año 2015

RESUMEN

El objetivo de este artículo fue verificar y analizar la cobertura producida por el cuaderno deportivo del periódico Folha de S.Paulo sobre la participación de la selección brasileña de fútbol femenino en la Copa del Mundo en el año 2015. Por lo tanto, se optó por la adopción de los propósitos de la metodología Análisis de contenido, porque esta dirige el investigador en el análisis de los varios discursos, entre ellos el periodístico. A través del tratamiento de los resultados, se concluyó que la cobertura de lo periódico fue caracterizada por la construcción de realidades ausentes de perjuicios. Por el contrario, en sus enfoques predominaron las actuaciones individuales y colectivas de las brasileñas.

Palabras clave: Fútbol femenino. Periodismo. Folha de São Paulo. Género

INTRODUÇÃO

É inegável a elevada significância cultural que o futebol adquiriu no Brasil no decorrer do século XX. Apesar de caracterizar-se inicialmente como uma modalidade elitizada, a partir de meados da década de 1920, esta se popularizou de tal forma tornando-se o esporte nacional. (RIBEIRO, 2003; DAOLIO, 2006). Por conseguinte, passou a estar presente no cotidiano de toda a população brasileira mediante um sistema de criação e interpretação de símbolos e práticas associadas, de modo algum desarticulado de outros aspectos sociais e culturais. (GUEDES, 1982).

Essa situação é mais facilmente observada durante a participação da seleção brasileira em uma Copa do Mundo, pois a rotina laboral e a arquitetura das cidades são significativamente alteradas. As empresas, as residências, as escolas, as universidades, os clubes e o comércio, entre outros segmentos da sociedade, praticamente param para torcer pelo país, integrando o verde e o amarelo aos respectivos cotidianos deles.

Neste momento, o futebol sobrepuja claramente os limites territoriais do campo de jogo mediante tomadas de posição acerca dele realizadas. Dentre estas, estão os diversos tipos de coberturas jornalísticas, produções capazes de construir e/ou reforçar realidades sociais desdobradas em afirmações, crenças, mitos, ideias, valores, significados e representações referentes e transcendentais ao campo futebolístico.

Entretanto, como a elocução supracitada sugere, torna-se evidente o contraste cultural adquirido pelo futebol quando acrescido dos vocábulos **feminino** ou **praticado por mulheres**. O futebol feminino, exceto em algumas situações pontuais, como na disputa final do Pan-Americano de 2007, Brasil *versus* Estados Unidos (EUA), assistida por aproximadamente oitenta mil torcedores,³ não dispõe da mesma significância cultural que o masculino. Por conseguinte, acaba obtendo baixa ou nenhuma periodicidade/visibilidade nos veículos comunicacionais, diferentemente da vertente masculina. Gabriel e Freitas Júnior (2013) constataram, ao analisarem as coberturas esportivas da Folha de S.Paulo em 2010 e 2011, à época, períodos nos quais ocorreram as últimas edições das Copas do Mundo futebolísticas generificadas, que de um total de 788 matérias, 753 (95,56%) abordaram a seleção masculina e 35 (4,44%) a feminina. Em outra designação, as mulheres tiveram 2151,43% publicações a menos do que os homens.

Ao tratar dessa temática e afins, Moura (2003), Franzini (2005), Mourão e Morel (2005) e Gabriel (2015) demonstraram que os jornais impressos brasileiros têm coberto de maneira efêmera o futebol feminino desde as décadas iniciais do século XX. Os autores também salientaram que o conteúdo discurso das publicações foi preconceituoso em alguns momentos, objetivando contribuir com o *habitus* individual e social requisitantes do impedimento ou da adaptação da mulher em relação à prática do futebol.⁴

3 Informação extraída de uma matéria publicada na Folha de S.Paulo após a conquista do bicampeonato Pan-Americano pela seleção brasileira. Cf. RANGEL, S.; TORRES, S. Seleção e torcida dão espetáculo na conquista do bi. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2007. Caderno PAN Rio 2007. P. D1.

4 Ao longo dos períodos históricos brasileiros o *habitus* individual e social requisitantes do impedimento e/ou adaptação da mulher em relação à prática do futebol foi materializado por meio de diversas ações. Por exemplo, o decreto-lei 3.199, de 1941, que em seu quinquagésimo quarto artigo designou que as mulheres estavam

Diante desta problematização, o objetivo deste estudo foi verificar e analisar o conteúdo discursivo da cobertura esportiva da Folha de S.Paulo acerca da participação da seleção brasileira de futebol feminino na Copa do Mundo, sediada pelo Canadá, em 2015. A realização desta pesquisa justifica-se, pois na contemporaneidade brasileira os discursos de alguns veículos impressos continuam dispondo de uma influência bastante grande na estruturação e reestruturação de *habitus* individuais e sociais generificados. *Habitus* generificados estes que, em seus desdobramentos práticos, podem ou não dificultar as possibilidades relacionadas a inserção e a manutenção das mulheres no futebol e no campo futebolístico feminino.

MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, indicado na sessão introdutória, optou-se pela utilização dos desígnios metodológicos da Análise de Conteúdo (AC), pois estes direcionam os pesquisadores na verificação analítica dos diversos tipos de discursos existentes, entre estes o jornalístico. Bardin (2011) a definiu como um conjunto de instrumentos metodológicos de análise das comunicações, que visa obter, por intermédio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) permissíveis de inferências sobre os conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas. O fator comum destes instrumentos múltiplos e multiplicados é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução, a inferência.

Nesse sentido, aplicaram-se os instrumentos referentes às diferentes etapas que constituem a organização analítica da AC, estruturada em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e os tratamentos dos resultados, as inferências e as interpretações.

Durante a pré-análise, etapa organizacional do material empírico, foram realizadas as três missões necessárias, que não são sucedidas, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica. Quais sejam, escolha dos documentos a serem analisados, a indicação do(s) objetivo(s) e a eleição dos índices e dos indicadores que fundamentaram a análise final.

Todas as decisões supracitadas resultaram da realização dos procedimentos das cinco subetapas da pré-análise. Iniciou-se pela primeira, denominada de leitura flutuante. Leitura flutuante é a designação nominal atribuída ao contato inicial e ao conseguinte conhecimento textual do documento a analisar deixando-se invadir por impressões e orientações. (BARDIN, 2011).

Ao objetivar a verificação analítica da cobertura jornalística acerca da individualidade e da coletividade da seleção brasileira de futebol feminino, escolheu-se o dispositivo impresso como o material empírico. Esta ramificação dos veículos comunicacionais foi

escolhida, pois, mesmo com a emergência de outras, nomeadamente a televisão, o rádio e a internet, ainda continua dispondo de uma influência pedagógica bastante grande na internalização das disposições dos acontecimentos pelos *habitus* individuais e sociais dos brasileiros. (PONTES; SILVA, 2012).

Entre os jornais estruturados no campo jornalístico impresso, definiu-se apenas a Folha de S.Paulo como documento empírico devido o volume de capital simbólico acumulado nas conjunturas precedentes, resultando na sua disposição em um dos veículos diários de abrangência nacional mais influentes na sociedade brasileira à época.⁵

A significância da Folha de S.Paulo pode ser constatada mediante os dados divulgados pelo Índice Verificador de Circulação (IVC). Em 2015 este foi o jornal diário mais lido no Brasil, com circulação média de 355,9 mil exemplares.⁶

O contato inicial e o conhecimento textual do jornal ocorreram por intermédio do seu acervo virtual,⁷ que disponibiliza as versões impressas de maneira digitalizada. Primeiramente, todas as edições de janeiro foram lidas na íntegra, tomada de posição que direcionou a realização da subetapa subsequente, denominada de escolha dos documentos. E, a partir desta, definiu-se o *corpus* da pesquisa.

Diante das impressões e orientações emergidas durante a leitura flutuante, articuladas ao conhecimento das lógicas de funcionamento específicas dos diferentes cadernos temáticos constituintes do jornal, definiu-se que o *corpus* da pesquisa seria estruturado pelas matérias (colunas, entrevistas, notas, notícias e reportagens) publicadas no seu caderno esportivo, entre 6 a 22 de junho, que abordaram ou mencionaram de alguma maneira a seleção feminina e as suas jogadoras. Vale ressaltar que, a partir desta definição, apenas o caderno esportivo passou a ser lido na íntegra, pois não foi utilizado nenhum mecanismo de busca para auxiliar na coleta das matérias.

A escolha da baliza temporal justifica-se, pois corresponde ao período em que a participação da seleção feminina na sétima edição da principal competição futebolística, a Copa do Mundo, organizada pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), foi coberta. Já a opção pelo caderno de esporte do jornal deveu-se a dois motivos distintos, entretanto interdependentes. O primeiro foi à especificidade do seu conteúdo discurso, nutrido pelo jornalismo esportivo.⁸ O segundo foi a sua significância perante o

5 A influência da Folha de S.Paulo pode ser observada em diversos momentos, dentre eles vale referenciar a utilização das suas matérias por outros veículos de comunicação na abordagem de qualquer temática, algo bastante recorrente, sobretudo nos jornais televisivos, e por meio do índice de circulação. Aliás, ela foi o jornal diário mais lido, em 2015, no Brasil, a média diária de janeiro a dezembro. Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), somados impresso e digital, o veículo teve circulação média de 355,9 mil exemplares. Cf. IVC. Disponível em: <http://ivcbrasil.org.br/default.asp?85728>. Acesso em: 19 jul. 2016.

6 Cf. IVC. Disponível em: <http://ivcbrasil.org.br/default.asp?85728>. Acesso em: 18 jul. 2016.

7 Cf. ACERVO. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 19 jul. 2016.

8 O jornalismo esportivo é estruturado com particularidades que o distingue de outros. Por exemplo, durante a produção dos seus discursos, a subjetividade do jornalista esportivo é menos regulada institucionalmente, tornando menos grave a demonstração do time do coração pelo profissional do esporte do que a preferência de um editor de política por um candidato ou partido. Cf. GASTALDO, É. L.; LEISTNER, R. "A mais gaúcha de todas as Copas": identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo. *Interin*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-16, jan./jul. 2006.

público leitor, pois, ainda que limite considerações generalizantes quanto a totalidade da Folha de S.Paulo, trata-se de uma das seções mais lidas entre aquelas que a conformam.⁹

As tarefas da pré-análise foram encerradas por intermédio da referência dos índices (temáticas) e dos indicadores (presença ou ausência e frequência), da coleta das matérias e da preparação do material empírico, quarta e quinta subetapas, respectivamente. Na sequência, efetivaram-se as da etapa subsequente, denominada de exploração do material. As tarefas desta etapa consistem, essencialmente, em operações de codificação, desconto ou enumeração, relacionadas às escolhas anteriores.

Para explorar determinado documento é preciso tratá-lo. Tratar os dados empíricos significa codificá-los. Segundo Bardin (2011), codificação corresponde à transformação dos dados em bruto do texto, utilizando algumas regras. Transformação esta que por recorte, agregação e enumeração permite que o pesquisador atinja a representação, a expressão e a significação dos conteúdos dos textos, esclarecendo as suas características, as quais podem servir de índices.

A organização da codificação correspondeu a três definições: 1. O recorte: referiu-se as unidades de registro (UR) e as unidades de contexto (UC); 2. A enumeração: referiu-se as regras de contagem; 3. A classificação e a agregação: referiu-se as categorias analíticas.

As UR correspondem às unidades de significação a codificar, ao segmento do conteúdo a considerar como base, visando a categorização e a contagem frequencial. Estas podem ser de natureza e de dimensões muito variáveis, mas, normalmente, representam um recorte semântico, que pode ser estabelecido antes ou durante a leitura dos textos constituintes do *corpus* da pesquisa. Levando em consideração tais aspectos, definiu-se que as UR desta pesquisa seriam as temáticas centrais abordadas pelas publicações.

Já as UC correspondem aos segmentos dos textos cujas dimensões (superiores as da UR) são adequadas para apreender a significação exata da UR. Por conseguinte, definiu-se que os textos das publicações em sua totalidade seriam as UC das UR encontradas.

Definidas as UR e as UC, efetivou-se a contagem das UR (o que normalmente se conta) encontradas, embasada na associação entre as regras de enumeração denominadas de presença (ou ausência) e frequência, clarificando as suas visibilidades. Diante dessas definições, optou-se pela manutenção das designações das temáticas encontradas, Competição (2),¹⁰ Jogadora(s) (2), múltiplas (4)¹¹ e seleção brasileira (3), como o título geral das categorias nas quais as UR ficaram agrupadas.

Na sessão subsequente à próxima foi realizada a descrição e análise textual das UC referentes às UR agrupadas nas categorias seleção e jogadora(s), pois estas coadunam com as objetivações desta pesquisa. No entanto, esta última delimitação não impediu que os

9 Esta informação foi extraída do ícone Cadernos diários, seção do site da Folha de S.Paulo destinada a apresentação das ementas dos diversos cadernos temáticos que constituem a sua estrutura impressa. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos_diarios.shtml. Acesso em: 20 jul. 2017.

10 Os números alocados entre parênteses expressam a quantidade de vezes que a temática foi à abordagem central de uma matéria em relação número ao total (10) encontrado.

11 Consideramos que a temática emergente de uma matéria receberia a designação nominal “múltipla(s)” quando emergisse dois ou mais temas centrais do mesmo texto.

trechos das matérias alocadas em outras categorias fossem utilizadas para complementar a análise.¹²

Por meio destas duas ações efetivou-se os tratamentos dos resultados, as inferências e as interpretações, últimas tarefas metodológicas da AC. Antes, porém, buscou-se compreender algumas características do campo jornalístico, do jornalismo e da Folha de S.Paulo, embasando-se no referencial teórico bourdieusiano. Os pressupostos desta teoria coadunam com os metodológicos da AC, pois também externalizam contrariedade à ilusão dos fatos, à compreensão espontânea dos fenômenos da sociedade, à evidência do saber subjetivo, à intuição em proveito do construído e à sociologia ingênua.

CAMPO JORNALÍSTICO, JORNALISMO E A FOLHA DE S. PAULO

Todos os campos, entre eles o jornalístico, se apresentam a apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou postos) cujas propriedades dependem das suas distintas posições nessas estruturas, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por eles). Não obstante, estes espaços sociais estremam-se pelo confronto entre agentes inseridos nestes, disputando um objeto (maior média de circulação/influência social, entre outros), que estão aptos para tal ocorrência e dotados de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes das disputas. (BOURDIEU, 1983).

Segundo Bourdieu (1983, p. 94), *habitus* correspondem aos “sistemas de disposições” adquiridas pelas aprendizagens (implícitas ou explícitas) que funcionam como “sistemas de esquemas geradores”, gerando estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido concebidas para este fim. Vale ressaltar que os *habitus* dos ocupantes das posições jornalísticas são estruturados com generalidades do campo e com especificidades da sua posição nesse espaço, como a ética requisitada na produção de qualquer tipo de jornalismo e a conformação deste à uma política editorial, respectivamente.

A Folha de S.Paulo autodeclara que, além de ética, a totalidade da sua produção jornalística adota quatro princípios editoriais. O princípio crítico designa que as realidades dos fatos são construídas criticamente, comparando, estabelecendo analogias, identificando atitudes contraditórias e veiculando diferentes versões sobre o mesmo acontecimento. O pluralista designa que as múltiplas interpretações provenientes de uma sociedade complexa devem ser publicadas no jornal. O apartidário significa que o veículo não se atrela a grupo, tendência ideológica ou partido político, e procura adotar posição clara em toda questão controversa. Já o moderno significa a introdução na discussão pública de temas que não tinham ingressado nesta, de novos enfoques, preocupações e tendências.

12 Por exemplo, algumas das matérias alocadas na categoria “múltiplas” subdividiram o corpo do seu texto, tendo tanto a seleção brasileira quanto as suas jogadoras enquanto abordagens centrais.

Outra especificidade do jornal refere-se à objetividade. Embora no Manual de Redação dele esteja expresso que não existe este princípio no jornalismo, pois toda atividade humana é pautada por decisões subjetivas, tal documento designa que as ações práticas do *habitus* dos jornalistas devem ser as mais objetivas possíveis. (FOLHA DE S.PAULO, 2013). Vale ressaltar que o jornalismo esportivo, opção analítica nesta pesquisa, independente da vinculação institucional, é caracterizado por uma relativização ainda maior desta aquisição. (GASTALDO; LEISTNER, 2003).

Mas, o que se entende por jornalismo, produto objetivado no campo jornalístico pelos veículos comunicacionais e pelos profissionais que ocupam estas posições? Traquina (2005, p. 19/20, grifo nosso) formulou uma resposta para esta indagação, fragmentando-a em duas partes distintas, entretanto, interdependentes. A primeira foi embasada em representações poéticas e a segunda nos pressupostos ideológicos dos jornalistas.

Poeticamente pode-se dizer que jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, [ao esporte], aos livros, aos *media*, à televisão, cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacional. Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*.

Os jornalistas responderiam prontamente, como define a ideologia profissional desta comunidade, que o jornalismo é a **realidade**. Há verdade nesta afirmação. Existe um acordo tácito entre os que escolhem essa profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo: o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas [...] dever-se-ia acrescentar rapidamente que muitas vezes essa “**realidade**” é contada como uma telenovela, e aparece quase sempre em pedaços, em acontecimentos, uma avalanche de acontecimentos perante a qual os jornalistas sentem como primeira obrigação dar resposta com notícias, rigorosas e se possível confirmadas, o mais rapidamente possível, perante a tirania do fator tempo.

Na sequência, o autor ainda argumentou que o jornalismo é condicionado pelas diversas particularidades do seu processo produtivo, como a cultura da sociedade transversal ao jornalista e as posições políticas e editoriais do veículo de comunicação no qual ele exerce a sua profissão. Esse argumento é compatível com as ideias provenientes das teorias da comunicação e do jornalismo defensoras de que este não é apenas um transmissor de realidades, mas, em complemento a essa função, um produtor de sentidos. Assim, o jornalismo atua sobre a realidade, construindo coberturas específicas em função das especificidades do seu produtor.

Borelli (2001) também corrobora com esta proposição, salientando que os veículos comunicacionais podem construir os acontecimentos sociais. Construções estas que ao

apreenderem e interpretem os acontecimentos mobilizando rituais singulares acabam impregnando-os com os sentidos desejados. Por conseguinte, a autora valida a proposição de que as coberturas jornalísticas podem construir múltiplos acontecimentos (realidades) a partir de um fato único.

Alsina (1989) também coaduna com essa proposição, salientando que o *mass media* tornou-se um dos principais instrumentos de construção social da realidade.¹³ Segundo o autor, as coberturas dos jornais não se limitam a mediar a realidade para o público, pois atuam sobre ela, direcionando-a ao fim objetivado, realizando ações, omissões, falas e silêncios conscientes ou inconscientes.

Sequenciando a contextualização, Bourdieu (1996) afirmou que os discursos dos agentes sociais (indivíduos ou instituições) dispõem de poderes instituidores de realidades, e, por conseguinte, influenciadores nas possíveis internalizações das suas disposições quando, embasadas nos capitais simbólicos dos discursistas, as pessoas atribuem credibilidades a eles, autorizando-os nas efetivações dos efeitos supracitados. Segundo Gastaldo (2000; 2003), os poderes mencionados estão localizados, na contemporaneidade brasileira, em grande parte, nos discursos das coberturas jornalísticas, sobretudo naquelas produzidas pelos principais veículos comunicacionais do país.

Como consequência do processo de mediação da informação, é possível afirmar que os discursos dos jornais dispõem da capacidade de influenciar na estruturação e reestruturação dos *habitus* individuais e sociais generificados, os quais encontram-se subjacentes às percepções (as maneiras como uma situação é visualizada), as apropriações (como estas são julgadas) e as ações (as diversas maneiras de agir em função das experiências armazenadas).

Segundo Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e uma forma primária de dar significado às relações de poder. Nesse contexto, o gênero tem sido também utilizado como alusão às construções sociais e culturais alicerçadas nos caracteres biológicos distintivos dos humanos.

Assim, ao internalizarem as disposições das realidades socialmente instituídas, em maior ou menor escala, as pessoas acabam estruturando e reestruturando *habitus* masculino e feminino. Por sua vez, os seus desdobramentos práticos podem impedir ou restringir as possibilidades femininas relacionadas ao futebol.

Com base nesta contextualização teórica, articulada a metodológica, precedente, tornou-se relevante efetivar uma verificação analítica da cobertura esportiva da Folha de S.Paulo, um dos jornais de maior influência perante os brasileiros, acerca da participação individual e coletiva da seleção brasileira de futebol feminino na sétima edição da Copa do Mundo, sediada pelo Canadá, em 2015.

13 Com base na bibliografia apresentada nas pesquisas que problematizaram o jornalismo, Berger e Luckmann (2004) são as principais referências no tocante ao conceito e as ramificações da realidade social. Segundo esses autores, a realidade social corresponde à qualidade que estrutura os fenômenos que as pessoas reconhecem ter um "ser" independente das suas volições. Cf. BERGE, P. L.; LUCKMAN, T. 2. ed. **A construção social da realidade**. Lisboa: Dinalivro, 2004.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cobertura supracitada teve início na data da abertura da competição, 6 de junho, abordando a temática seleção. Vejamos o conteúdo discursivo da matéria publicada: A seleção brasileira, comandada pelo técnico Oswaldo Alvarez e que tem Marta, cinco vezes melhor jogadora do mundo, como estrela, estreia na terça [9 de junho], às 19h, contra a Coreia do Sul. O Brasil ainda pegará a Espanha e a Costa Rica. (MESMO..., 2015, p. D11).

A matéria destacou alguns aspectos de maneira objetiva, como preceitua o Manual de Redação jornal. Estes foram os nomes do técnico, Oswaldo Alvarez, e da principal atleta da seleção brasileira, Marta, alcunhada pelo termo “estrela”. Após a conquista desse capital por quaisquer jogadoras no campo futebolístico, são comuns os seus destaques pelas ações práticas dos *habitus* dos agentes jornalísticos. Por conseguinte, Freitas Júnior e Gabriel (2014) argumentaram que estes profissionais, subjacentes aos reconhecimentos dos veículos nos quais eles trabalham, são centrais na criação dos destaques esportivos (estrelas, ídolos, heróis), os quais passam a ser supervalorizados individualmente, mesmo atuando em modalidades essencialmente coletivas.

Em função do poder dos discursos de alguns veículos, essas mediações sociais podem ser bastante importantes para as relações dos esportes em geral e do futebol feminino em específico com a sociedade brasileira. Segundo Helal (1998), um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença das estrelas, assim como dos ídolos e dos heróis, pois são estes agentes que levam as pessoas a se identificarem com a modalidade e com os eventos esportivos, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis.

Além dos aspectos mencionados, também foi destacado o enfrentamento de estreia, brasileiras *versus* coreanas. Ao contrário do que aconteceu nas coberturas esportivas da Folha de S.Paulo precedentes as estreias do Brasil nas outras edições da Copa do Mundo (GABRIEL, 2015), desta vez não houve o apontamento de nenhuma expectativa sobre a participação coletiva da seleção. A matéria apenas informou, de maneira complementar, as outras adversárias da fase inicial da competição.

Em nova estreia, o Brasil venceu a Coreia do Sul (2 x 0), gols de Formiga e Marta. No dia subsequente, uma notícia, abordando centralmente a temática seleção, construiu a realidade do acontecimento pela via performática, resgatando o retrospecto coincidente das estreias brasileiras vitoriosas em Copas do Mundo. Também destacou, de maneira objetiva, o feito de Marta, que assumiu a artilharia geral dessa competição no tocante ao gênero feminino.

A seleção brasileira feminina manteve a tradição de estreiar na Copa do Mundo com vitória sem sofrer gols ao bater a Coreia do Sul por 2 a 0, em Montreal, no Canadá, pelo grupo E, repetindo feito das outras seis edições da competição.

Comandada pelo técnico Vadão, a seleção brasileira abriu o placar com a experiente Formiga, 37, após erro da defesa coreana. Marta fez o segundo de pênalti e assumiu a artilharia em mundiais femininos, com 15 gols.

No sábado (13), o Brasil enfrenta a Espanha, às 17h. (BRASIL..., 2015, p. B8).

Ainda que não tenha destacado de maneira subjetivamente eufórica, aspecto que pode estar relacionado ao declínio performático individual de Marta, as potencializações dos feitos da jogadora pelo jornalismo esportivo do jornal retroalimentam o *status* e a imagem de ídolo do campo futebolístico feminino brasileiro internalizado no *habitus* dela. Mas o que é um ídolo? Segundo Morato, Giglio e Gomes (2011), a palavra ídolo vem do grego *eidôlon* e significa imagem. Imagem estabelecida pela significância dos feitos de alguém. A importância desses feitos está relacionada à categoria tempo e espaço. Tempo em relação à realização de atos significantes, ao momento de legitimação de tal *status* e a sua retroalimentação, e espaço em relação ao onde cada imagem é construída, para quem ela é modelo e quais os limites dos seus efeitos.

E um ídolo futebolístico? Segundo Giglio (2007), o ídolo futebolístico é aquele(a) que no decorrer do tempo consegue se tornar protagonista e/ou referência da sua equipe, efetivando outros feitos de maneira articulada, como obter recordes de partidas disputadas e de gols, pela sua representação ou pelos campeonatos disputados, entre outros. Assim, cria raízes com a história do clube/seleção e do esporte em questão além da identificação com os torcedores.

O argumento de Freitas Júnior e Gabriel (2014) complementa a interpretação e a contextualização anterior. Para os autores, além da efetivação de feitos pelos jogadores(as), estes precisam ser potencializados pelos veículos de comunicação, sobretudo pelos que dispõe de um volume de capital simbólico bastante grande, pois estes têm o poder de influenciar os *habitus* individual e social referentes a condição daquele enquanto ídolo.

Como foi informado na última linha desta última notícia contextualizada, o Brasil enfrentaria a Espanha no dia 13 de junho. Nesta data foi publicada uma matéria abordando a temática jogadora(s). Esta potencializou a imagem de Formiga e também retroalimentou o seu *status* e a sua imagem de ídolo no campo futebolístico feminino, destacando-a como uma das “referências” da seleção brasileira. Observemos:

Aos 37 anos e a sexta Copa do Mundo no currículo, Miraildes Maciel Mota, a Formiga, é uma das referências da seleção brasileira feminina de futebol, que pega a Espanha neste sábado (13), em Montreal, no Canadá.

Quarta jogadora mais velha da competição [...] a volante foi o destaque da vitória do Brasil sobre a Coreia do Sul, na terça (9), por 2 x 0. Ela marcou o primeiro gol e sofreu o pênalti convertido por Marta na estreia do torneio. (COSENZO, 2015, p. B15).

No entanto, ao contrário da potencialização da imagem de Marta, aqui foram reiteradas outras características, mais especificamente a experiência relacionada ao tempo de permanência na seleção brasileira e a idade avançada, além do destaque isolado na partida inicial da Copa do Mundo. Desta forma, infere-se que as atletas que não são caracterizadas pelo talento genial também podem atingir a condição de ídolo por meio de comportamentos referenciais, como cuidados com a saúde e a dedicação aos treinos, geradores de longevidade esportiva.

Tal aspecto acaba materializando alguns tipos de ídolos futebolísticos femininos. Ao tratar dessa relação, mas no futebol masculino, Helal (2003) identificou a existência de dois tipos de ídolos distintivos, os talentosos e os esforçados, os quais têm as suas imagens potencializadas pela mídia de uma maneira geral em função das características dispostas, situação que reforça ainda mais as suas distinções.

O Brasil venceu a Espanha (1 x 0) no dia 13 junho, gol de Andressa Alves. No dia subsequente ao jogo uma matéria alocada na categoria múltiplas construiu a realidade do acontecimento pela via performática, destacando dois dos seus efeitos. O primeiro foi a classificação antecipada da equipe brasileira para as oitavas de final, e o segundo foi o desempenho ruim de Marta articulado com o adiamento do recorde de gols em Copas do Mundo. Por fim, ainda exaltou outro feito dela, eleita cinco vezes consecutivas a melhor jogadora do mundo pela FIFA, em relação a Messi, ganhador de quatro Bolas de Ouro.

A seleção brasileira de futebol feminino precisou de apenas dois jogos para garantir a classificação para as oitavas de final da Copa do Mundo de futebol feminino, disputada no Canadá.

Com um gol de Andressa Alves, aos 43 min do primeiro tempo, o time comandado por Osvaldo Alvarez, o Vadão, derrotou a Espanha neste sábado (13), por 1 a 0, em Montreal.

Recorde adiado

Apesar da vitória, Marta não apresentou um bom futebol neste sábado. A meia da seleção brasileira foi bem marcada e pouco fez em um jogo muito duro diante das espanholas.

Como passou em branco, Marta adiou um novo recorde em sua carreira. Caso a brasileira faça mais um gol na competição, ela se torna a maior artilheira da história das Copas do Mundo, tanto no futebol masculino quanto no feminino, junto com Miroslav Klose, da Alemanha.

Marta possui outra importante marca na carreira. A atleta já conquistou cinco prêmios consecutivos de melhor jogadora do mundo, à frente de Messi, que tem quatro Bolas de Ouro por enquanto. (SELEÇÃO..., 2015, p. B3).

É interessante a potencialização da imagem de Marta nos últimos parágrafos da matéria, pois o machismo ainda permeia a sociedade brasileira de maneira acentuada, principalmente quando relacionado a atividades tidas como masculinas e masculinizantes. Esta disposição dificulta a valorização da mulher em muitos campos sociais, o futebolístico e o jornalístico são exemplos profícuos, sobretudo em situações comparativas com os homens. Todavia, alicerçado nas constatações de Gabriel (2015), observa-se que a valorização de Marta em relação aos futebolistas é umas das linearidades do discurso esportivo da Folha de S.Paulo.

No dia da disputa Brasil *versus* Costa Rica, 17 de junho, a última da fase classificatória, o caderno de esporte do jornal publicou uma matéria abordando a temática jogadora(s). Entre outros aspectos, esta resgatou a classificação brasileira antecipada, ressaltando que diante desta condição o jogo teria como atrativo a busca de Marta pela artilharia geral em Copas do Mundo, recorde outrora adiado devido a atuação ruim efetivada diante das espanholas.

Com o Brasil já classificado às oitavas de final da Copa do Mundo feminina de futebol, o duelo de despedida da fase de grupos contra a Costa Rica, nesta quarta-feira (17), no Canadá, tem como atrativo a busca de Marta por uma marca histórica.

A atacante tem 15 gols na soma dos dois Mundiais que disputou. Entre as mulheres, é um recorde. Mas, diante da Costa Rica, ela pode igualar e superar os 16 gols do Alemão Klose e assumir a ponta da artilharia em todas as Copas, masculina e feminina.

Aqui, tal como designaram Santos e Medeiros (2012), verificou-se uma das aplicações práticas do *habitus* jornalístico esportivo, que, em algumas situações, proporciona visibilidade às disposições valorativas de uma partida objetivando gerar maior atratividade no público consumidor. Por fim, a matéria ainda ressaltou que as oitavas de final começariam no dia 21, e que os EUA, a Austrália e a Nigéria eram os possíveis adversários do Brasil.

O Brasil venceu a Costa Rica (1 x 0). Encerrada a rodada, as australianas foram concretizadas como as próximas adversárias das brasileiras. Nos dias que antecederam o enfrentamento nenhuma matéria foi publicada acerca das temáticas seleção e jogadora(s). No entanto, após a derrota (0 x 1) e a conseguinte eliminação do Brasil da Copa do Mundo, duas publicações, ambas alocadas na categorias múltiplas, construíram esta realidade de maneiras distintas, efetivando os princípios editoriais crítico e pluralista do jornal. Vejamos a primeira:

De freguês a algoz

A seleção brasileira, liderada por Marta, eleita cinco vezes pela Fifa a melhor jogadora do mundo, chegou ao duelo com amplo favoritismo.

O time australiano era o maior freguês brasileiro em partidas válidas por Copas do Mundo e Jogos Olímpicos [...]

Além do retrospecto positivo, o time do técnico Oswaldo Alvarez, o Vadão, fez a melhor campanha da primeira fase do Mundial, com três vitórias e sem levar um gol. Porém, quando a bola rolou neste domingo, o que se viu foi muito equilíbrio entre as duas seleções [...]

Quando a partida já caminhava para a prorrogação, a Austrália se aproveitou da falha da goleira Luciana para fazer o gol do triunfo. (GOLEIRA..., 2015, p. B2).

A notícia, alicerçada no retrospecto dos enfrentamentos entre brasileiras *versus* australianas, e no desempenho coletivo durante a competição, ressaltou que o “amplo favoritismo” do Brasil, ausente dos noticiários antes da disputa, não foi materializado. Por conseguinte, a partida foi marcada pelo equilíbrio técnico e tático. Mas, embasado na última frase desse trecho em associação com o título da matéria em questão, “Goleira falha, e Brasil está fora da Copa”, infere-se que, mesmo inexistindo manifestações que relativizassem a objetividade desta produção jornalística, houve o apontamento de uma culpada pela derrota, e, conseguintemente, pela eliminação da seleção. Qual seja, a goleira Luciana.

Segundo Helal (1998), o apontamento de elementos justificadores não relacionados à superioridade técnica e tática dos adversários é algo bastante antigo e recorrente nas coberturas jornalísticas esportivas brasileiras após as eliminações masculinas em Copas do Mundo.

Freitas Jr. (2009, 2012) além de corroborar com Helal (1998), denominou essa prática de cultura da desculpa, teia materializada pelos *habitus* dos profissionais da imprensa ao longo da história das Copas do Mundo masculinas, desdobrada na tentativa de justificar ou explicar as diversas eliminações futebolísticas nacionais. Ao que parece tal prática parece ter sido transposta para a cobertura jornalística esportiva da Folha de S.Paulo referente ao futebol feminino, pois, como constatou Gabriel (2015), em algumas eliminações precedentes a atual, como, por exemplo, na de 2011, também houve a efetivação de discurso(s) explicativo(s) ou justificativo(s). Apontamentos estes, que têm, conforme detectaram Costa (2008) e Gabriel e Freitas Júnior (2016) sobre as seleções masculina e feminina, respectivamente, a figura da individualidade e/ou da coletividade de jogadores(as) enquanto uma das possibilidades precípuas para a atribuição da culpa.

A outra matéria que abordou a eliminação brasileira construiu uma realidade distinta da anterior para o acontecimento. Abaixo do subtítulo “azares” Kfour (2015, p. B3) discursou o seguinte:

Tanto a seleção brasileira sub-20 jogou para ser campeã mundial, na Nova Zelândia, quanto a feminina mereceu ir adiante na Copa do Mundo, no Canadá. Mas a bola pune os gols perdidos contra a Sérvia e Austrália, respectivamente, castigaram os meninos e as mulheres.

Verdade que, nas quartas de final, no sub-20, contra Portugal, nossos meninos foram massacrados e só se classificaram nos pênaltis porque, naquele dia, os deuses dos estádios estavam bravos com os lusitanos.

Para o colunista, a seleção feminina mereceu ir adiante na competição. No entanto, dois aspectos, o azar e os deuses futebolísticos, materializaram uma punição/castigo para as brasileiras. Qual seja, a eliminação precoce diante das australianas. Aqui, a explicação ou a justificativa para a ocorrência dessa situação não está alicerçada na figura de uma jogadora, mas sim em alguns dos elementos estruturantes da superstição.

Segundo Daolio (2005), a superstição, bastante presente na interrelação cultural brasileira, futebolística e jornalística, é um elemento simbólico manifesto pelo *habitus* dos agentes sociais, manifesto praticamente via intenção ou atribuição de sorte ou azar em algumas situações. O autor ainda salientou que os aspectos mencionados estão alicerçados em uma visão de mundo crente de que a ordem pode ser explicada por meio dos fenômenos sobrenaturais, como pode ser observado no discurso de Kfour (2015).

CONCLUSÃO

Observando a literatura contemporânea que tem tratado da relação entre futebol, jornalismo e gênero como objeto científico, verificou-se que os estudos de Mourão e Morel (2005), Martins e Moraes (2007), Ferretti et al. (2011), Salvini e Marchi Júnior (2013a), Salvini e Marchi Júnior (2013b), Salvini e Marchi Júnior (2013c) e Salvini e Marchi Júnior (2016) constataram que diversos veículos da imprensa nacional, em diferentes períodos históricos

analisados, abordaram com frequência supostas fragilidades femininas, representações masculinizadas e feminilizadas das jogadoras, ou então, a espetacularização de corpos considerados belos e atraentes, e um comparativo inferiorizando as mulheres em detrimento dos homens futebolistas. Abordagens estas, que reforçam a visão social estigmatizada e estigmatizadora em relação as jogadoras, descaracterizando o futebol enquanto uma possibilidade performática esportiva feminina.

Neste estudo, diante do tratamento dos resultados, das inferências e das interpretações, verificou-se que a cobertura do caderno esportivo da Folha de S.Paulo acerca da participação da seleção brasileira de futebol feminino na Copa do Mundo, em 2015, foi caracterizada pela construção de realidades ausentes de disposições preconceituosas. Ao contrário, as suas abordagens preponderam nas interfaces performativas da coletividade e da individualidade brasileiras, aproximando-se das coberturas futebolísticas do gênero masculino.

Por conseguinte, entende-se que, embora ainda existam desigualdades de gênero quanto ao exercício da profissão de jornalista e periodicidade/visibilidade nas páginas dos jornais, sobretudo nas suas respectivas interfaces esportivas, aspectos que solicitam pesquisas ulteriores aplicadas a Folha de S.Paulo, este tipo de cobertura efetivada contribui positivamente na reestruturação da realidade do futebol enquanto um esporte propício para ambos os gêneros. Realidade que, ao ser internalizada pelos *habitus* individual e social dos brasileiros, pode influir no aumento quanti/qualitativo das possibilidades femininas relacionadas à modalidade e ao campo futebolístico feminino.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Buenos Aires: Paidós, 1989.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BORELLI, V. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos. In: INTERCOM, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: [s. n.], 2001. p. 1-15.
- BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89-94.
- _____. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BRASIL vence e segue sem tomar gol em estreias. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B8.
- COSENZO, L. Formiga, 37, lidera seleção contra a Espanha na Copa do Mundo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B15.
- COSTA, L. M. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**. 2008, 159 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: _____. **Futebol, cultura esociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 3-19.

- FERRETTI, M. A. C. et al. O futebol nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 117-127, jan./mar. 2011.
- FOLHA DE S.PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo, Publifolha, 2013.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, jul./dez. 2005.
- FREITAS JÚNIOR, M. A. de. **No meio do caminho**: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. 2009, 320 f. Tese(Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- _____. Copa do Mundo de 1950: a cultura da desculpa como justificativa de um fracasso. In: _____.; CAPRARO, André Mendes. (Orgs.). **Passe de letra**: crônicas esportiva e sociedade brasileira. Ponta Grossa: Vila Velha, 2012. p. 118-147.
- GABRIEL, B. J.; FREITAS JÚNIOR, M. A. de. De qual futebol está falando? O contraste de um símbolo nacional na Folha de São Paulo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVII, 2013, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2013. P. 1-13.
- FREITAS JÚNIOR, M. A. de.; GABRIEL, B. J. Quando o herói se torna humano: a visão do caderno de esportes da Folha de S.Paulo sobre o jogador Ronaldo na Copa do Mundo de 1998. **Tempos Gerais**, São João del-Rei, v. 3, n. 6, p. 47-66, jul./dez. 2014.
- GABRIEL, B. J. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte da Folha de S.Paulo (1991-2011)**. 2015, 252 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.
- _____.; FREITAS JR., M. A. de. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-383. 2016.
- GASTALDO, É. L. “Os campeões do século”: nota sobre a definição da realidade no futebol espetáculo. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 105-124, set. 2000.
- _____. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. **Caderno IHU Idéias**, São Leopoldo, v. 1, n. 10, p. 1-28. 2003.
- _____.; LEISTNER, R. “A mais gaúcha de todas as Copas”: identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo. **Interin**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-16, jan./jul. 2006.
- GIGLIO, Sérgio Settani. **FUTEBOL**: Mitos, ídolos e heróis. 2007, 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GOLEIRA falha, e Brasil está fora da Copa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B2.
- GUEDES, S. L. Subúrbio: celeiro de craque. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. cap. 3. 59-74.
- HELAL, R. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.
- _____. “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro”. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2003.

- KFOURI, J. Vexame afastado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B9.
- MARTA pode igualar Klose na artilharia das Copas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B9.
- MESMO com crise da Fifa, Copa do Mundo começa no Canadá. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 6 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. D11.
- MORATO, M. P.; GIGLIO, S. S.; GOMES, M. S. P. A construção do ídolo no fenômeno futebol. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 1, p. 1-10, jan./mar. 2011.
- MOURA, E. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003, 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Ciên. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.
- PONTES, F. S.; SILVA, G. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGUGNON, J. A.; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. de. (Orgs.). **Pesquisa em ciências sociais: interface, debates e metodologias**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2012. p. 29-77.
- SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, jan.mar. 2013a.
- _____. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista Placar na década de 1990. **Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 144-159, fev. 2013b.
- _____. Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010. **Praxia**, Quirinópolis, v. 1, n. 2, p. 55-66, mai./ago. 2013b.
- _____. Registro do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016.
- SANTOS, D. S. dos.; MEDEIROS, A. G. A. O Futebol feminino nodiscurso televisivo. **Rev. Bras. Ciên. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012.
- SELEÇÃO feminina vai às oitavas do Mundial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2015. Caderno de Esporte. p. B3.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Recebido em: Março/2017

Aprovado em: Outubro/2017